



## **CIDADES GENTIS: UM PARADIGMA DE INCLUSÃO, SUSTENTABILIDADE E RESILIÊNCIA**

Lúcia Fernanda de Souza Pirró, Marcelo de Andrade Roméro



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p6811-6827>

Artigo recebido em 5 de Setembro e publicado em 5 de Novembro de 2025

### ARTIGO ORIGINAL

#### RESUMO

A crescente complexidade das dinâmicas urbanas contemporâneas exige repensar o modo como as cidades são projetadas, geridas e vividas. Este artigo propõe o conceito de “cidades gentis”, fundamentado na noção de gentileza urbana, como um caminho para promover ambientes urbanos mais inclusivos, sustentáveis e resilientes. A gentileza urbana é compreendida como um conjunto de práticas, políticas e infraestruturas que valorizam o cuidado, a empatia e a cooperação no espaço público. Defende-se que cada empreendimento urbano pode atuar como agente de gentileza, oferecendo contribuições concretas à coletividade — como áreas verdes públicas, espaços de convivência, infraestrutura verde e soluções de drenagem sustentável. A partir de estudos de caso de cidades como Tóquio, Copenhague, Medellín, Curitiba e também de ações específicas na cidade de São Paulo, o artigo demonstra como a incorporação da gentileza nas políticas e nas práticas urbanas pode transformar as relações sociais e a qualidade de vida nos territórios urbanos.

**Palavras-chave:** gentileza urbana; cidades gentis; urbanismo sustentável; inclusão; resiliência urbana.



## ***KIND CITIES: A PARADIGM OF INCLUSION, SUSTAINABILITY AND RESILIENCE***

### **ABSTRACT**

The growing complexity of contemporary urban dynamics demands a rethinking of how cities are designed, managed, and experienced. This article proposes the concept of "kind cities," grounded in the notion of urban kindness, as a path to fostering more inclusive, sustainable, and resilient urban environments. Urban kindness is understood as a set of practices, policies, and infrastructures that value care, empathy, and cooperation in public spaces. It argues that every urban development can act as an agent of kindness, offering concrete contributions to the community—such as public green spaces, community spaces, green infrastructure, and sustainable drainage solutions. Drawing on case studies of cities such as Tokyo, Copenhagen, Medellín, and Curitiba, as well as specific initiatives in the city of São Paulo, the article demonstrates how incorporating kindness into urban policies and practices can transform social relations and quality of life in urban areas.

**Keywords:** urban kindness; kind cities; sustainable urbanism; inclusion; urban resilience.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## 1. INTRODUÇÃO

O século XXI é marcado por um intenso processo de urbanização, no qual mais de 56% da população mundial já vive em áreas urbanas (ONU-HABITAT, 2023) e este percentual atingirá cerca de 70% em 2050 (ONU-HABITAT, 2024). Essa concentração populacional gera desafios relacionados à desigualdade, à mobilidade, à habitação e à crise ambiental.

Em resposta a esses desafios, surge o conceito de gentileza urbana, entendido como uma abordagem que incorpora valores éticos — como o cuidado e a empatia — à prática do planejamento urbano. De acordo com Gehl (2010, p. 7), “a primeira tarefa de uma cidade é ser um bom lugar para as pessoas viverem”. Essa visão reforça a ideia de que o urbanismo deve ser orientado por princípios humanos, não apenas funcionais.

A noção de “cidades gentis” (*kind cities*) amplia essa perspectiva, propondo que os espaços urbanos sejam pensados não apenas em função da eficiência ou da estética, mas da convivência e do acolhimento. Nessas cidades, o desenho urbano, a gestão pública e a atuação privada são orientadas por princípios de solidariedade, reciprocidade e qualidade de vida, valorizando o bem-estar coletivo sem abrir mão, entretanto, do equilíbrio ecológico e das ações sustentáveis. A cidade gentil possui três pressupostos básicos: espaços de convivência; sustentabilidade urbana e segurança. Todas as variáveis que formam o arcabouço teórico do que seja uma cidade gentil, estão contidas nestes tres pressupostos.

## 2. METODOLOGIA

Foram utilizados como motores de busca os indexadores Google Scholar, Scopus e *Web of Science* para seleção dos artigos, por meio dos verbetes “Gentileza Urbana, Cidades, Pessoas”. Foram excluídos artigos com mais de 20 anos de publicação ou que não se encaixavam dentro do escopo da pesquisa.

## 3. GENTILEZA URBANA COMO PARADIGMA

A gentileza urbana constitui um paradigma que reconfigura as relações entre



indivíduos, natureza e infraestrutura. Lefebvre (1968) já argumentava que o “direito à cidade” envolve não só o acesso físico ao espaço urbano, mas também o direito à experiência e à apropriação simbólica do território. Gehl (2010) complementa ao afirmar que “cidades são para as pessoas, e o desenho urbano deve promover a vida entre edifícios”. Essa perspectiva coloca o encontro humano no centro das políticas urbanas, promovendo uma leitura da cidade como lugar de vínculos e não apenas de fluxos.

Na prática, a gentileza urbana manifesta-se por meio de:

- projetos de mobilidade ativa e acessibilidade universal;
- espaços públicos de convivência e lazer;
- espaços semi-públicos de convivência e lazer<sup>1</sup>;
- infraestruturas verdes que restauram ecossistemas urbanos;
- soluções baseadas na natureza verdes e azuis (*Nature Based Solutions*);
- participação cidadã e gestão colaborativa do território;
- responsabilidades socioambientais compartilhadas entre o poder público e o setor privado;
- segurança pública aos munícipes (Adaptado de FARR, 2008).

Nesse sentido, cada empreendimento urbano — seja ele residencial, comercial ou industrial ou público — pode oferecer um ato de gentileza para a cidade. Essa retribuição ao espaço urbano pode assumir múltiplas formas como por exemplo a criação de pequenas praças e jardins de uso público; implantação de áreas permeáveis e jardins de chuva que auxiliam na drenagem urbana; instalação de mobiliário urbano acessível; ou oferta de arte e cultura em áreas comuns.

Tais microintervensões configuram uma gentileza construída que transforma o espaço privado em vetor de benefício coletivo e fortalece o pacto socioambiental urbano. Neste contexto o Plano Diretor Estratégico de São Paulo (PDE) veio potencializar esta relação entre os espaços privados e os espaços públicos, onde os

---

<sup>1</sup> Os espaços públicos são áreas de domínio do Estado que são livres para o uso da população em geral, criadas para a circulação e interação das pessoas com a cidade. Exemplos incluem ruas, calçadas, praças públicas, museus e bibliotecas. Já os espaços semipúblicos são áreas que apresentam a função de abrigar a vida coletiva urbana, localizadas no interior dos edifícios em áreas comerciais ou residenciais, e podem ter apropriações públicas. Exemplos incluem shopping centers, centros culturais, cinemas, teatros e galerias. Esses espaços são essenciais para a vida urbana, promovendo inclusão, bem-estar e identidade coletiva e são parte do conceito de gentileza urbana.



empreendimentos, por meio do conceito de fachada ativa, oferecem aos munícipes atividades como lojas, restaurantes, farmácias e outros serviços, com acesso direto da calçada. As fachadas ativas são incentivadas para alcançar vários objetivos:

- Melhoria da mobilidade urbana: Ao ter comércio e serviços próximos, as pessoas são incentivadas a andar a pé, reduzindo a dependência do carro.
- Reaproveitamento de espaços: A ocupação dos terrenos promove o uso de áreas que antes ficavam fechadas ou subutilizadas.
- Maior segurança: A maior circulação de pessoas na rua aumenta a chamada "vigilância informal", inibindo a criminalidade.
- Integração com o espaço público: As fachadas ativas criam uma interação visual e física entre o privado e o público, tornando o ambiente urbano mais convidativo e agradável.

O Plano Diretor Estratégico (PDE) do Município de São Paulo não trata do tema "fachada ativa" em um capítulo específico, mas o aborda como um instrumento urbanístico e de qualificação ambiental ao longo da lei. O PDE de 2014, revisado em 2023, introduziu as fachadas ativas com o objetivo de incentivar a vitalidade urbana. Elas são detalhadas por instrumentos complementares, como a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo (LPUOS), também conhecida como Lei de Zoneamento (Lei 16.402/2016). Em 2024, o Decreto Municipal nº 63.884/2024 regulamentou e detalhou a aplicação desse instrumento, trazendo, inclusive, desenhos exemplificativos para a fachada ativa em logradouros públicos. De fato, a introdução das fachadas ativas, já está criando no município de São Paulo, uma nova dinâmica. Este assunto não é totalmente novo.

## 4. CIDADES GENTIS, INCUSIVAS E SUSTENTÁVEIS

### 4.1 Gentileza urbana e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

As cidades gentis se alinham ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 11, que busca "tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis" (ONU-HABITAT, 2023, p. 19) ao promoverem a inclusão social,



a sustentabilidade ambiental e a resiliência territorial. A gentileza urbana, quando incorporada ao planejamento urbano e ambiental, potencializa esses três eixos.

- **Inclusão:** Ao oferecer espaços acessíveis e acolhedores, as cidades gentis garantem o direito à cidade a todos os grupos sociais. As contrapartidas urbanas de empreendimentos — como praças abertas ou passagens públicas — favorecem o convívio entre diferentes grupos e fortalecem o sentimento de pertencimento.
- **Sustentabilidade:** A incorporação de áreas verdes públicas, corredores ecológicos e infraestruturas de drenagem natural (como bacias de retenção e jardins pluviais) em novos empreendimentos contribui para o equilíbrio ambiental, melhora o microclima urbano e reduz os impactos de inundações.
- **Resiliência:** Cidades gentis constroem redes de solidariedade e confiança que se tornam essenciais diante de crises climáticas, econômicas ou sociais. Ao estimular que cada ator urbano — cidadão, empresa ou governo — adote práticas gentis, cria-se uma cultura de corresponsabilidade pela cidade.

Além da ODS 11, que abrange diretamente o conceito de cidade gentil, outras ODSs tratam desta questão, nomeadamente:

- **Inclusão social e redução das desigualdades:** Ao priorizar as pessoas e criar espaços públicos acessíveis, as cidades gentis ajudam a reduzir as desigualdades e a promover a participação social. Isso está diretamente ligado aos ODS 1 (Erradicação da pobreza) e ODS 10 (Redução das desigualdades).
- **Qualidade de vida e bem-estar:** A ênfase no bem-estar dos cidadãos, com mais espaços verdes, melhor qualidade do ar e ambientes agradáveis, contribui para o ODS 3 (Saúde e bem-estar).
- **Sustentabilidade ambiental:** A redução do consumo de recursos, a otimização de serviços e a promoção de práticas sustentáveis no planejamento urbano também apoiam as metas ambientais, como o combate às mudanças climáticas (ODS 13) e o uso responsável de recursos (ODS 12).

#### **4.2 Gentileza e resiliência socioespacial**

A resiliência urbana é entendida como a capacidade das cidades de resistir, adaptar-se e transformar-se diante de choques e tensões (UNDRR, 2022). Entretanto, a dimensão social dessa resiliência depende fortemente das relações humanas. Segundo



Jacobs (1961, p. 67), “os olhos da rua” — isto é, a presença ativa de cidadãos nos espaços públicos — são essenciais para a segurança e vitalidade urbana.

A gentileza urbana contribui diretamente para essa resiliência socioespacial ao promover relações de confiança e solidariedade entre os habitantes. Quando a população se sente acolhida e engajada, as redes sociais se fortalecem e a capacidade coletiva de resposta a crises se expande. A gentileza cria pontes invisíveis entre as pessoas, e essas pontes são as primeiras a sustentar a cidade quando tudo o mais falha.

#### **4.3 Gentileza e resiliência ecológica**

A gentileza urbana também se expressa como resiliência ecológica. Farr (2008) defende que um urbanismo sustentável é aquele que “projeta com a natureza, não contra ela”. Jardins de chuva, telhados verdes, áreas permeáveis e corredores ecológicos são exemplos de soluções gentis que aumentam a capacidade das cidades de lidar com eventos climáticos extremos.

Em São Paulo, o Programa Gentileza Urbana, criado pela Subprefeitura da Sé, implantou entre 2022 e 2025 mais de 40 jardins de chuva, 16 vagas verdes e 3 bosques de conservação urbana (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2024). Essas ações ampliam a permeabilidade do solo e reduzem inundações, demonstrando como pequenas intervenções podem promover grandes impactos adaptativos.

De acordo com relatório da Prefeitura (2024, p. 4), “cada metro quadrado de área verde devolvida ao solo urbano é um ato de gentileza com o meio ambiente e uma ação direta de resiliência climática”.

#### **4.4 Gentileza e resiliência emocional**

Por fim, a gentileza urbana fomenta a resiliência emocional das cidades. Espaços públicos acolhedores, arte de rua, vegetação e mobiliário acessível contribuem para a saúde mental e o bem-estar coletivo (GEHL, 2010). Em uma cidade gentil, as pessoas se sentem vistas, seguras e valorizadas, o que reforça o sentimento de pertencimento e a coesão social.

Essa dimensão subjetiva é essencial: cidades emocionalmente saudáveis respondem melhor a desastres e crises, pois seus cidadãos mantêm um vínculo afetivo com o território e uma disposição solidária para reconstruí-lo.



## **5. BENCHMARKING: CIDADES GENTIS**

### **5.1 Uma visão geral**

As ações de gentileza urbana precedem a criação do conceito. Diversos exemplos de gentileza urbana estão presentes em inúmeras cidades ao redor do mundo e os exemplos apresentados a seguir apenas pontuam alguns destes casos presentes no continente americano, europeu e asiático.

### **5.2 Copenhague (Dinamarca)**

Copenhague é referência em urbanismo humanizado e sustentabilidade. O planejamento urbano incentiva pedestres e ciclistas, promove a convivência e integra infraestrutura verde à arquitetura. Empreendimentos privados frequentemente incorporam telhados verdes e áreas públicas integradas ao entorno, demonstrando como o setor imobiliário pode contribuir para a gentileza urbana (Ver Fig.01).

Figura 01 – Praça pública em edifício privado de Copenhague



Fonte: [https://images.adsttc.com/media/images/62ea/54a5/c30f/ce6c/0897/4f1d/newsletter/how-copenhagen-is-designed-for-delight\\_2.jpg?1659524268](https://images.adsttc.com/media/images/62ea/54a5/c30f/ce6c/0897/4f1d/newsletter/how-copenhagen-is-designed-for-delight_2.jpg?1659524268)



### **5.3 Medellín (Colômbia)**

Medellín consolidou sua reputação de cidade resiliente e inclusiva ao transformar áreas vulneráveis por meio de infraestrutura pública e inclusão social. Os teleféricos e as escadas rolantes conectam comunidades periféricas, enquanto novos empreendimentos são orientados a oferecer espaços públicos e equipamentos coletivos, ampliando o alcance da gentileza urbana (Ver Fig. 02).

Figura 02 – Escadas rolantes de Medellin



Fonte:  
<https://th.bing.com/th/id/OIP.XRZfLQuPzuFtzxYfO29yKQHaE7?w=290&h=193&c=7&r=0&o=7&pid=1.7&rm=3>

### **5.4 Curitiba (Brasil)**

Curitiba exemplifica o urbanismo gentil ao integrar transporte, meio ambiente e cidadania. A cidade valoriza contrapartidas ambientais em novos projetos, como áreas permeáveis, parques lineares e ações educativas. Essa visão reforça a ideia de que cada empreendimento pode agregar valor coletivo, tornando-se um agente ativo na construção de uma cidade mais humana (Ver Fig. 03).



Figura 03 – Espaço público em Curitiba



Fonte: [https://brazilianexperience.com/wp-content/uploads/2019/02/16704676381\\_644f5e0b39\\_b.jpg](https://brazilianexperience.com/wp-content/uploads/2019/02/16704676381_644f5e0b39_b.jpg)

### 5.5 Tóquio (Japão)

Tóquio é um exemplo emblemático de gentileza urbana promovida pela iniciativa privada. Na capital japonesa, pequenas ações de cuidado urbano são culturalmente valorizadas e institucionalizadas. Empresas, comércios e moradores mantêm microjardins na calçada, canteiros floridos em frente às lojas e limpeza diária das ruas como parte de uma ética coletiva de respeito ao espaço público (NAKAMURA, 2019).

Essas práticas, conhecidas localmente como *machizukuri* — termo que significa “fazer cidade com as próprias mãos” —, refletem o compromisso da comunidade com a estética, a sustentabilidade e a convivência (SORENSEN, 2009). Além disso, grandes corporações japonesas frequentemente incluem “pocket parks” e espaços públicos abertos como contrapartida social em seus projetos imobiliários, reforçando o papel da iniciativa privada na criação de uma cidade gentil (Ver fig. 04 e 05).

Figura 04 – Espaço público como contrapartida social



Fonte: [https://cdn-xtech.nikkei.com/atcl/nxt/column/18/00585/041400215/b2.jpg?\\_\\_scale=w:350,h:483&\\_sh=0a70a50300](https://cdn-xtech.nikkei.com/atcl/nxt/column/18/00585/041400215/b2.jpg?__scale=w:350,h:483&_sh=0a70a50300)

Figura 05 – Pocket Park em Toquio



Fonte:  
<https://th.bing.com/th/id/R.3ed0e753f52f6204b510048bb6aaf030?rik=PsKlpMhslQpkGA&riu=http%3a%2f%2fkaike-lab.com%2fwp-content%2fthemes%2fkaike-lab%2fassets%2fimg%2fmovement%2fimg1-5.jpg&ehk=JfyfJ%2bkbc3%2fOCmldXsOpArZ%2f2dU01C5HzSkTitAPII%3d&risl=&pid=ImgRaw&r=0>

Conforme observa Nakamura (2019), “em Tóquio, ser gentil com a cidade é um gesto cotidiano: varrer a calçada, cuidar de uma planta, abrir o espaço privado para o público — tudo é parte de uma cultura de coexistência”. Essas microações fortalecem a resiliência social e ecológica de Tóquio, mostrando que a gentileza pode ser uma prática difusa e contínua.

### **5.6. Sevilla (Espanha)**

Sevilha tem abordado o sombreamento urbano como parte de uma estratégia mais ampla para combater as ondas de calor e mitigar o efeito da ilha de calor urbana nos períodos intensos de verão. A cidade tem usado uma combinação de técnicas tradicionais e inovações modernas para criar espaços urbanos mais confortáveis e resiliente, a saber:

- Marquises nas ruas: Em ruas estreitas do centro histórico, como a Calle Sierpes, são instaladas marquises temporárias durante os meses mais quentes. Elas criam sombra e bloqueiam a radiação solar, tornando a circulação a pé mais agradável.



- Metropol Parasol (As Setas): Na Plaza de la Encarnación, a estrutura de madeira projetada pelo arquiteto Jürgen Mayer funciona como um enorme guarda-sol. Além de ser um ponto turístico, o Metropol Parasol sombreia a praça abaixo, que conta com um museu arqueológico e um mercado (Ver Fig. 06) .

Figura 06 - Metropol Parasol



Fonte: <https://c8.alamy.com/comp/3A0C6X1/plaza-de-la-encarnacion-las-setas-de-seville-metropol-parasol-by-architect-jurgen-mayer-hermann-seville-andalusia-spain-3A0C6X1.jpg>

- Técnica do qanat (Projeto Cartuja Qanat): Resgatando um sistema persa milenar, a cidade adaptou a técnica dos canais subterrâneos de água para resfriar espaços públicos. Um projeto emblemático na Ilha de La Cartuja utiliza canais subterrâneos para bombear ar resfriado pela água, reduzindo as temperaturas em até 10°C.
- Projeto Life Watercool: Este projeto transformou uma avenida movimentada em uma zona de pedestres com sistemas de resfriamento inovadores. O sistema usa água reciclada para irrigar novas árvores e alimentar uma fonte com jatos nebulizadores, criando um microclima mais fresco e agradável.
- Aumento da infraestrutura verde: A prefeitura tem plantado milhares de árvores anualmente para aumentar a cobertura de sombra natural. O projeto também inclui a criação de um plano diretor de infraestrutura



verde para gerenciar e preservar o patrimônio verde da cidade, com uma abordagem estratégica para maximizar os benefícios ecossistêmicos.

- Materiais de construção e design: Sevilha tem adotado materiais de construção que refletem o calor. A cidade também tem explorado o uso de soluções de resfriamento passivo, como ventilação natural e superfícies permeáveis.
- Iniciativas digitais: Sevilha utiliza tecnologia para mapear e gerenciar sua infraestrutura verde. Um aplicativo, o Arbomap, permite geolocalizar as espécies de árvores da cidade.
- Contexto climático
- As estratégias de sombreamento são essenciais para Sevilha, uma das cidades mais quentes da Europa, com temperaturas de verão que frequentemente ultrapassam os 40°C. Ao combinar soluções inspiradas em tradições com tecnologias inovadoras, a cidade busca se adaptar às mudanças climáticas e melhorar a qualidade de vida de seus habitantes.

## 6. AÇÕES DE GENTILEZA URBANA PARA SÃO PAULO

Além do crescente uso das fachadas ativas incentivado pelo PDE, a cidade de São Paulo tem também avançado na adoção de práticas de gentileza urbana, particularmente na região central. Alguns destaques:

- O programa Programa Gentileza Urbana, desenvolvido pela Subprefeitura da Sé, implantou jardins de chuva, biovaletas, vagas verdes, escadarias verdes, bosques de conservação urbana e poços de infiltração para aumentar a permeabilidade do solo e introduzir mais vegetação na região historicamente mais árida da cidade (A VIDA NO CENTRO, 2021).
- Especificamente, já foram entregues 41 jardins de chuva, 16 vagas verdes, 3 bosques de conservação urbana, além de outras intervenções de microdrenagem e paisagismo (A VIDA NO CENTRO, 2020).



- A meta de substituição de áreas impermeáveis tornou-se um dos focos: aproximadamente 20.000 m<sup>2</sup> de área permeável já foram criadas em calçadas e vias no centro (A VIDA NO CENTRO, 2021).
- O programa também estimula que empreendimentos privados e o poder público adotem a “vagas verdes” — isto é, transformar vagas de automóveis em pequenos jardins ou áreas de convívio vegetal visando à retenção de águas pluviais e redução de ilhas de calor.



Fonte: [https://www.estadao.com.br/resizer/y9bcyE-tLfKltdyjKl5SzUsITj4=/1200x630/filters:format\(jpg\):quality\(80\):focal\(-5x-5:5x5\)/cloudfront-us-east-1.images.arcpublishing.com/estadao/HAFZNXVBEJN45KQDYOSHTPLVK4.jpg](https://www.estadao.com.br/resizer/y9bcyE-tLfKltdyjKl5SzUsITj4=/1200x630/filters:format(jpg):quality(80):focal(-5x-5:5x5)/cloudfront-us-east-1.images.arcpublishing.com/estadao/HAFZNXVBEJN45KQDYOSHTPLVK4.jpg)

- Além disso, existe o reconhecimento institucional de que tais intervenções são formas de gentileza urbana, gerando cuidado com o entorno e mobilizando os moradores a participarem das ações (“oferecemos gentileza e recebemos muito mais”, segundo gestores) (A VIDA NO CENTRO, 2020).

Essas práticas em São Paulo ilustram como a gentileza urbana se traduz em intervenções técnicas e sociais — micro-infraestruturas verdes, participação local, reconversão de espaços públicos e assentamento de responsabilidade compartilhada entre Estado, privado e comunidade.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As cidades gentis representam um novo paradigma urbano, em que o espaço é



compreendido como extensão da vida em comunidade. A gentileza urbana não se limita a gestos individuais, mas se institucionaliza em políticas públicas, normas urbanísticas e práticas empresariais. Ao propor que cada empreendimento contribua positivamente para a cidade — com áreas verdes, infraestrutura sustentável e espaços de convivência —, constrói-se uma ética de reciprocidade entre o privado e o público.

Em um contexto global marcado por crises ambientais e desigualdades, a gentileza urbana oferece uma resposta concreta e poética: cidades que cuidam, acolhem e regeneram. O caso de São Paulo mostra que até em grandes metrópoles — densas e complexas — é possível implementar micro-ações de gentileza que reverberam e transformam. Tornar-se uma cidade gentil é, portanto, um projeto coletivo de futuro — uma construção social, ecológica e afetiva da urbanidade.

## REFERÊNCIAS

- A VIDA NO CENTRO. *Gentileza Urbana: jardins de chuva estão tornando o Centro de SP mais verde*, 2021.
- A VIDA NO CENTRO. *Gentileza Urbana: programa é pauta da reunião da CPPU*, 2020.
- FARR, Douglas. *Sustainable urbanism: urban design with nature*. New Jersey, Hoboken, 2008.
- GEHL, J. *Cities for People*. Washington: Island Press, 2010.
- JACOBS, J. *The Death and Life of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.
- LEFEBVRE, H. *Le Droit à la Ville*. Paris: Anthropos, 1968.
- NAKAMURA, Akemi. "Tokyo's Shimokitazawa: The cool, chaotic, bohemian district resisting change." BBC, 14 de maio de 2019.
- ONU-Habitat. *World Cities Report 2023: Envisioning the Future of Cities*. Nairobi: UN-Habitat, 2023.
- ONU-Habitat. *World Cities Report 2023: Envisioning the Future of Cities*. Nairobi: UN-Habitat, 2024.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Programa Gentileza Urbana: Relatório de Ações 2024*. Subprefeitura da Sé, 2024.



- SORENSEN, A.; KOIZUMI, H.; MIYAMOTO, A. *Machizukuri, civil society, and community space in Japan*. Researchgate, 2009.
- UNDRR. *Making Cities Resilient 2030*. Geneva: United Nations Office for Disaster Risk Reduction, 2022.